

**PEDE ATREVIDO OU O BRILHANTE
ESCONDIDO**

Princípios de uma comedia

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PERSONAGENS

Ernesto
Uma Preta
Jorge, *marido de*
Eulália.
Alberto
Romualdo
Paulo
León, *criado*.
Soldados.

ATO PRIMEIRO

Cena Primeira

- *(passeando e conversando consigo mesmo; batem à porta)* — Quem bate? *(virando a cabeça)* Quem? stá aí? . . . não ouve?
- UMA PRETA *(vigiando)* — Sou eu, meu Senhor!
- ERNESTO E o que quer?
- A PRETA Minha Sra. manda dizer se dá licença que o Sr. Soares venha ver esta casa.
- ERNESTO Qual Soares? Diz à tua Sra. que eu lá hei-de ir, ou mandar.
- A PRETA Não é isso; isso ela sabe!
- ERNESTO Pois então o que é?!
- A PRETA É para ele ver a casa.
- ERNESTO Não pode ser! Diz à tua Sra. que enquanto eu aqui morar, só terão licença de entrar nesta casa pessoas de muito minha amizade e confiança; que não pode ser varejada por esse ou outro indivíduo; que eu não posso pôr à disposição de pessoa alguma salas, quarto, livros. o mais que nela tenho! Andas com pressa?
- A PRETA Não senhor.
- ERNESTO Pois então pega dinheiro e compra-me charutos dos melhores que encontrares.
- A PRETA Sim Sr. *(sai)*.
- ERNESTO *(só e passeando)* — Que lhes parece o Sr. Soares? Acabo de me ir limpando, e talvez sua

mercê, a quem não conheço, quisesse vir sujando! (*Rindo-se.*) Hoje estou com a barriga do ex-chefe de Polícia Andrade (*por engano muitas vezes tomei por um globo geográfico*). Tomaremos um banho (*pega uma bacia, uma chaleira e água de uma talha; e levando para um quarto*). Já que passeia a minha criada, não tenho remédio senão fazer estes serviços que tão impróprios me são, mas toleráveis, visto que gente pior, e talvez melhor, tenha feito iguais, inferiores; quero dizer, a gente da mais alta sociedade pratica atos ou há praticado atos idênticos, ou mais impróprios que estes, de sua altura; assim como às vezes gente da mais baixa — pratica atos próprios dos da mais alta sociedade. E como o não faço, por gosto, regra ou costume, nada me pode pegar (*entra no quarto e logo depois sai, abotoando as calças, ou a vestir a sobrecasaca nota que está suja pegando na escova*): Ainda mais esta! Não sei como se encheu de pó este facto... Ah! fui lá embaixo, e servi-me de... para... já se sabe o para que. Servi-me de certa sujidade, a que chamam — bacio ou bacia, etc. e etc. e tal. Em compensação, sujou-se a sobrecasaca. Mulheres! que em tudo se metem! até nos urinóis... servidores, ou bacias! Se se metessem em outras cousas, seriam dignas de louvor; mas nestas, só o são de censura! e de que me havia eu lembrar agora!... De certa pergunta que me fez um judas escariotes; e é: Que é, ou será melhor? ser servido ou servir? Respondo: seja melhor; seja pior; prefiro ser servido a servir. Note-se: falo do que é próprio da classe dos criados, etc. . visto que todos servem. Serve o Imperador ao Estado no Conselho de Estado, dirigindo os negócios públicos. Servem os Ministros, executando as Leis e apresentando projetos de reforma e outros melhoramentos, economizando os dinheiros públicos e praticando outros... milhares de atos, de utilidade geral. Servem os Senadores e Deputados e mesmo Vereadores das câmaras, legislando. Servem os membros do Supremo Tribunal de Justiça

ou das Relações, Conselheiros de Estado, Juizes de Direito, e municipais, e outros, os presidentes de Província, secretários, chefes e delegados de Polícia, e outros; finalmente — todos os Empregados públicos, seja qual for a sua classe — executando as Leis de outros modos; quanto maior é ou for sua capacidade — mais valiosos e importantes são seus serviços. As espécies de serviço, pois, é que são diversas, e mais ou menos nobres e convenientes. As mais agradáveis e dignas, em minha opinião — são as que se exercitam com a pena, com a espada e com a palavra. Que mais alto pode subir o homem que de seu palácio dirige uma infinidade de entes seus iguais — escrevendo, e mesmo em seu gabinete!? A que maior altura pode subir — o que com a espada dirige os exércitos? Ou, que profissão mais nobre e elevada que aquela que, com a palavra — convence, persuade e ata à cauda de seu carro de progresso, e logo depois de triunfo — milhares e mesmo milhões de indivíduos?! Quem subiu mais alto por sua palavra que Jesus Cristo; que os Demóstenes, que os Cíceros!? Quem, mais que os Napoleões, que os Alexandres, que os Césares, por sua espada!? E quais, mais que os Palmerstons, os Paranás, os Pombais, e tantos outros, por sua política ou administração!? Assim, pois — procuremos sempre ser úteis (*expressão mais própria que servir*) aos nossos semelhantes, por algum, e pelos três modos, se ocasiões para tal nos oferecerem; isto é — pela pena, pela palavra e pela espada. Assim se distinguem os homens. Quanto às mulheres, se elevam e brilham por sua conduta moral, pela obediência, respeito e afeto para com seus Pais; pelo recato e honestidade em suas maneiras e em seus vestidos pela brandura, suavidade e encanto de sua palavra; pela escolha dos trabalhos mais delicados — e dos prazeres innocentes; pelo gosto e perseverança no estudo das belas-artes, belas-letras, e de tudo o mais que lhes é próprio, e que pode concorrer para que sejam sociais; inteligentes; boas filhas;

boas mães; boas esposas; e respeitáveis senhoras. As que tanto conseguem — são mulheres distintas, e por isso mesmo as Rainhas do Mundo, como Aquelas — os diretores dos outros homens e das sociedades em geral. E pode-se dizer: que esses e outros serviços seriam capazes de metamorfosear o. . . não! porque não pode haver mundo, nem haveria distinções — se tudo fosse igual. Parece que as diversidades constituem a harmonia na espécie humana; como as das pessoas de uma máquina a tornam perfeita e capaz de trabalhar. . . (*Sai.*)

Cena Segunda

- JORGE** (*entrando por uma porta e Eulália por outra*) — Como vai, minha querida Eulália? Já sei que está muito zangada comigo. Andei passeando hoje; fui ao Riacho, à rua... de...
- EULÁLIA** (*como zangada*) — Já sei: já sei onde o Sr. foi; não precisa mais nada!
- JORGE** Não se zangue; não se zangue, minha queridinha! Sabe que sou todo seu... que por mais que a roda do mundo ande e desande sempre a Sra. é e será a menina de meus olhos. E quando assim não fosse, por simpatia o seria, porque a Sra. tem inspirações, a Sra. tem sugestões, que transformam os corações!
- E.** Bravos! veio poeta! Agradeço-lhe muito a comparação.
- J.** Eulália, és capaz?
- E.** De quê?
- J.** Ora de quê?! de me lembrar os versinhos que produzi hoje antes de sair. Que revolução se opera, minha querida Eulália!
- E.** Onde?
- J.** Na minha imaginação.
- E.** Essas revoluções nada valem.
- J.** Para mim, muito. Transformam-me às vezes as ideias, perturbam-me, interrompem-me, e

fazem-me muitas outras — mudar de pensar e de parecer.

- E.** — Pois tenha mais firmeza em si: não seja tão volúvel.
- J.** — Eu, volúvel! Isso é privativo das mulheres. . . os homens em geral são estáveis. Durante a minha ausência de hoje, dissei-me: que fizeste? Bordaste? Picaste? Coseste?. . . Já sei; basta.
- E.** — Graças a Deus que adivinhaste o que eu fiz hoje: li durante as longas horas que o Sr. passou; e o Sr. que fez? Deixou-me só, triste, aborrecida, e não sei de que modo mais! É um cruel; um homem sem alma; não tem pena de mim. Vê-me melancólica e fuge; pensativa, e não me fala. Não parece bom amigo, mas sim um algoz! Hei-de fazer ao Sr. outro tanto, e então serei vingada. O Sr. há-de arrepende-se e talvez que assim possamos um dia sermos felizes!

ALBERTO

(entrando e batendo palmas, muito alegre)
— Bravos! bravos! bravíssimos! Pensei *(dirigindo-se para Jorge e Eulália)* não encontrar pessoa alguma nesta casa. Felicito-os; vejo-os casados. . . que felicidade!

- E.** — Sente-se, Sr. Alberto *(sorrindo-se)*; aqui tem cadeira.

ROMUALDO

(vai entrar, jalseia um degrau, quase cai por estar a casa algum tanto às escuras) — Fiz uma genuflexão sem querer! O que vale é que pode ter aplicação à sra. . . . mulher; moça, que diante de mim vejo. Como vai? É boa esta casa? Tem cômodos?

- E.** — Tem os precisos, e é quanto basta! e assim mesmo eu não estou satisfeita.
- R.** — As mulheres são sempre assim. Não há cousa que as satisfaça!
- E.** — O Sr. é bem satírico! Deus queira não seja, ou seja satirizado.
- R.** — Já o tem sido, e muito. Por isso mesmo é que as não poupo.

- E. — Somos forçados a pedir-lhe licença, Sr. Romualdo, porque temos de fazer um passeio.
- R. — Pois não (*levantando-se*). Passe bem! passe bem! (*Retira-se.*)
- E. — Este Sr. Romualdo é muito aborrecido. Já vivo enjoada dele. Deus permita que não continue a me fazer visitas. Anda sempre com a cabeça cheia de casamentos, como o Lopes do Paraguai com a dele cheia de mulheres. Abernúncio!- (*benze-se*) . . . mas o que mais me aborrece são as suas sátiras, que são piores que as de Gregório de Matos. Deus queira não lhe suceda o mesmo que a este, que depois de mil processos e quinhentas prisões teve a desgraça de ser executado na província do Pará, vila do Crato.¹ (*Para Ernesto:*) Vamos passear, Ernesto?
- E. — Vamos. Vou pôr o chapéu: vê tu a bengala e saíamos. . . (*Prepara-se; e saindo — para Alberto:*) Fique, Sr. Alberto, governando a casa por alguns minutos, enquanto visito a minha cara amiga D. Fernanda, que teve ontem um menino macho com quatro olhos, seis narizes, duas bocas, cinco pernas e. . . não digo o mais para que o Sr. não se espante. Até logo; até logo. Cuidado, Sr. Alberto. com aqueles larápios que nós conhecemos! Ouve? Sabe? Sim; pois bem: descanso em sua pessoa. (*Retiram-se.*)
- Entra um criado e outro indivíduo amigo da casa. A este chamaremos Paulo; àquele, León.*
- PAULO (*para Alberto*) — Como está, Sr. Alberto? Então, está só?
- A. — É verdade. As pessoas desta casa foram passear; e eu fiquei sendo hóspede — qual dono! Sr. Paulo, preciso que me mande vir um carro para passeio; pode ser?
- P. — Pois não.
- A. — Mas eu não tenho dinheiro.
- P. — Então como quer carro?

- A. — Tenho um brilhante que depositarei em suas mãos até receber certa quantia com que pagarei todas as despesas. . . Olhe, quer vê-lo? (*Tirando-o de uma caixinha.*) Ei-lo.
- p. — Oh! é magnífico; e de grande peso.
- A. — Pois guarde; e vá me fornecendo tudo o que eu precisar.
- p. — Far-lhe-ei a vontade. (*Guarda o brilhante na algibeira. À parte, e apontando para Alberto, de lado*): Ainda é tolo, dá brilhante por passeios de carro. Hei-de pegar-lhe um formidável carão (*sai*).
- LEÓN — Precisa de mim para alguma cousa, Sr. Alberto?
- A. — Preciso, sim; quero que me escoves esta calça; e que me limpes estes sapatos. . . Ah! ia-me esquecendo: hoje é dia de visitas: quero que me apares também estas unhas; e me cortes estes calos (*tirando as meias*). Vê um canivete que está em cima dessa mesa. (*apontando*) .
- L. — É este?
- A. — É, sim; traz.
- L. (*aproximando-se*) — Vamos a esta operação. Com efeito; o Sr. cortou as unhas, quando se casou, e quando ouviu a primeira missa!? isto é — duas vezes no longo espaço de cinquenta e dois anos. . . e assim mesmo c asseado (*cortando*). Irra! tem cada unha, que parece a de uma âncora! E os calos. . . que grossura, meu Deus! Podem-se bem comparar ao couro do cachaço de um boi de mais de vinte e cinco anos. (*Para Alberto*): Pronto, Sr. Alberto (*levanta-se*) .
- A. — Ah! que alívio! Que alívio! Estou com um peso menor de vinte arrobas! Parecia que trazia nos pés uma esquadra! Cada unha um navio de alto bordo! Em cada calo — uma arroba de couro (*calçando as meias*). Prepara-me aquela calça preta.

- L. — Sim, Sr. (*pegando a escova*): Stá bem suja! tem nódoas de tudo — graxa; sebo; azeite; vinho, cachaça. Senhores, este homem será taberneiro. . . graxeiro; sebeiro. . . que diabo de porcarias. Não; não sujarei a escova de meu amo. (*Faz que escova e apresenta-lhe por escovar.*) Stá limpa, Sr. Dr. Alberto! (*à parte*): tratá-lo-emos de Dr. para que mais pague o favor! Ensinou-me meu Pai que aos tolos sempre louvor; Senhoria e até Excelências para que melhor paguem quaisquer incumbências. Irei pondo em prática; e estou certo de que, se não ganhar, também não hei-de perder! ..
- A. — Oh! está ótima! És um criado de primeira classe. És a flor da criadagem (*À parte*): Quero pagar-lhe também com alegria os palanfrórios, a fim de que a paga em dinheiro seja igual ao trabalho. O patife nem tocou na calça; a escova apenas soprou a pele! Nem ao menos a sacudiu... Que maroto! (*Voltando-se para L.*): está muito limpa! Falta agora limpar os sapatos.
- L. — Onde estão? Vejo ali chinelos; acolá tamancos, aqui, botas. . . (*apontando*) .
- A. — És cego, homem! Não vês pendurados naquele cabide!?
- L. (*à parte*) — Que tal o Sr. Alberto! Pendura sapatos em cabides. É célebre o homem (*pegando-os, enojando-se*) — fum!. . . fum!. . . que porco! Como estão enlameados! Ih!. . . Ora ora. . . que lhes parece? Nem lhes toco (*esfrega um no outro e põe-lh'os diante*). Aqui estão, Sr. Alberto; é o melhor que os pude preparar.
- A. — Estão bons, filho! Estão bons! (*À parte.*) É o criado mais ordinário que tenho conhecido (*Vestindo-se.*) Já está bem velho este casaco... serviu para meu casamento há quinze anos e o colete está tão curto que parece o de um menino. Não há remédio; não tenho dinheiro para outro; e o crédito é pouco; vis-

tamo-lo. Também as visitas não são de grande cerimônia. Vou agora a um velho Marechal; depois a certo Barão; logo ao Dr. Rabecão; e . . . não sei se irei ao Exm^o Sr. Marquês de Ratazana! Pronto, Sr. León! (*à parte*) Não me lembrava que este aldragante⁴ é criado! Fui dar-lhe Sr. (*pega o chapéu, a bengala; e com passos muito firmes e extensos, pernas muito tesas, sai*).

L. (*benzendo-o pelas costas*) — Deus o leve a bom caminho; e se cá não tornar mais, é especial favor que me faz — e até meu amo há-de ficar com isso muito e muito satisfeito!

A. (*voltando*) — Esquecia-me dizer-te — que antes de . . . de mudar-me desta enxovia — hei-de trazer-te um ótimo presente pelo bem que me tens servido (*À parte*): Em vez de limpar sujou-me os vestidos! (*Sai.*)

L. — Ainda faz promessas! Como se eu viva, ou creia, de suas promessas!

Cena Terceira

ERNESTO e EULÁLIA (*entrando*) — Estás aqui, León? Que destino tomou o Sr. Alberto?

L. — Deixou-me depois de haver dado grande maçada, dizendo-me que ia visitar quantos Condes e Marqueses há nesta cidade; e saiu!

ERNESTO (*sentando-se e dando cadeira a Eulália*) — E que te parece, Eulália? o Sr. Alberto, que devia estar no Exército, visitando Condes e Marqueses! As nossas tropas marchando contra o Paraguai, para libertar famílias paraguaias e brasileiras, famílias de Brasileiros distintas — escravizadas dentro de nossa própria Pátria; e por seus próprios patrícios! Que amarga verdade; quase incrível!

— Meu Deus! Por isso é que os Paraguaiz⁵ prenderam, mataram, destriparam milhares de famílias! Como Deus vinga os inocentes! Como ensina os homens a respeitar a religião que pregou, e devia estar gravada em nossos cora-

ções, e ser o regulador de todas as nossas ações! E se não fôssemos à casa de nossa amiga, nada sabíamos!

ERNESTO

(*com jogo*) — Ah! minha querida Eulália! se tu soubesses quanto me magoam os fatos revelados por tua amiga! Não; não falarei mais nisso. (*Com um movimento de transporte*): Sim! se alguém ousasse ofender-te. . . roubar-te. . . oh! nem nisso devo pensar! O ódio, a vingança, a fúria em mim seria tanta, que me parece que destruiria o edifício social desde o seu cimo, até a sua base! Não ficaria pedra sobre pedra. Poria esta cidade tão plana, como é a superfície das águas em dia calmo do nosso largo e majestoso Guaíba.

EULÁLIA

— E eu? Pensas que não faria nada? Olha (*pushando uma unha*), vê? É para o malvado que ousar contra a honra tua e a honestidade minha. É para o assassino que se abalançar a querer dar-te a morte, quer física, quer moral; e a mim, física e moral. Banhá-lo-ia nesse sangue de serpente, como o nosso criado no das aves que prepara para os nossos jantares.

ERNESTO

— Estás me banhando, minha querida (*abraçando-a com grande expressão de prazer*) em ondas de perfumes! Tens sentimentos de amor. . . se mais é preciso tributar-te! És verdadeira mulher; esposa; amiga. És o que deviam ser todas as mulheres para consigo mesmas, para com seus maridos, e para com seus semelhantes! Caridosas, quando o merecem! Punidoras, quando criminosos! (*Abraçando-a outra vez.*) Não podia o Céu fazer-me mais rico presente! (*Ainda com mais ternura e afeto.*) És a rainha, e deves ser o modelo das mulheres (*pegando-lhe na mão*). Vamos até o jardim? Apraze-te?

EULÁLIA

— Vamos! o que não aprazera contigo! (*Saem.*)
(*Entram Alberto, Paulo e León*)

A.

(*muito zangado, para Paulo*) — O Sr. sabe? não sabe? Pois eu lhe digo: Este criado é o diabo! Incomodou-me hoje o mais que é pos-

sível! Já fui à Polícia duas vezes para meter este cachorro na cadeia! (*Ameaçando-o com o punho.*)

- P. — Oh! Sr. Alberto. Que lhe fez ele? Admiro muito; pois que sempre foi muito humilde e respeitador de minhas ordens.
- A. (*dando com as mãos*) — É um cachorro! É um atrevido! Malcriado, que só metendo-lhe as mãos na cara eu me satisfaria (*ameaça-o*).
- P. (*para o criado*) — Que fizeste, León? Ousaste insultar o Sr. Alberto? Não sabes que é muito meu amigo, e a quem muito estimo e respeito!?
- L. — O Sr. Alberto está enganado! Isso não foi comigo.
- A. (*aproximando-se e ameaçando-o*) — Foi, foi sim; és tu mesmo!
- L. — O Sr. está louco... sonhando... ou bêbado! (*Ao proferir esta última palavra, Alberto atirou-lhe uma bofetada, que foi estorvada por Paulo.*)
- P. (*estorvando*) — Que é isso, Sr. Alberto? V. S^a não está bem. Eu não posso consentir que em minha presença este criado seja castigado por pessoa alguma.
- A. (*querendo sair*) — Pois então, vou-lhe mandar sentar praça na Marinha, e o calabrote lá me vingará.
- P. (*atacando-o*) — Nada! O Sr. não sai daqui hoje sem que eu o veja calmo e contente! (*Para o criado*): León, sai! (*Para Alberto*): Sentemo-nos.
- A. — Não posso; não quero. Hei-de vingar-me.
- P. (*levantando-se*) — Pois eu também não quero (*puxa rapidamente a porta, põe ele do lado de fora e fecha-a*).
- A. (*grita que lhe abram a porta, esforça-se por arrombá-la, pragueja e deita-se*) — Ao menos

esperaremos deitados que me queiram soltar estes malvados! (*Dorme.*)

- P. (*para o criado, entrando*) — Que fizeste tu a este bebedor?
- L. — Ora, que fiz? Nada! Só se é por certa cousa que eu não posso dizer.
- P. — Que cousa é esta que tu não podes dizer?
- L. — Ora o que há-de-ser? O Sr. Paulo não conhece este bandalho; não sabe que é tão porcalhão que despreza o que é próprio e procura o que é impróprio?
- P. — Não te compreendo! Que queres tu dizer com isso?
- L. — Quero dizer que este nojento quis servir-se de mim para atos de sensualidade.
- P. — Deveras! isso é verdade?!
- L. — Se é! Falou-me duas vezes, eu não quis; e na terceira que o encontrei, apertou-me, como uma prensa um couro!
- P. — Que ente abjeto e indigno! Muito desejo ver-me livre dele!
- A. (*levantando-se aos saltos e cheio de espanto*) — Oh! Os Senhores aqui, muito me admiram. (*Esfregando os olhos.*) Quero limpar bem a vista para enxergar bem um carcereiro e um soldado! (*Para Paulo*): Faz-me o favor de dar-me o meu brilhante?
- P. — Já se esqueceu que me deu em penhor de pagar as suas dívidas?!
- A. — Qual penhor, Sr.! Pelo que vejo pretende roubar-me, não?
- P. — O Sr. me insultou; e comigo a uma família; tenho tido em meu poder milhares de objetos de superior valor; e jamais tentei ficar com algum.
- A. — Pois não parece; visto que agora nega entregar o que lhe dei para guardar.

P. O Sr. continua a insultar-me — eu lhe vou trazer (*dá uma volta e tira de uma gaveta o brilhante*); e mostrando-lhes — está aqui; não o entrego, sem que o Sr. pague o que me deve.

A. (*gritando*) — O Sr. é um ladrão! E o seu criado é um tratante! Hei-de metê-los todos na cadeia.

P. Em vindo o Sr. Ernesto e a Sra. D. Eulália, hei-de contar-lhe tudo; e o Sr. há-de mudar-se!

A. Isso queriam vocês "arrumando a cama" para ficarem com as minhas jóias.

P. Para que queremos nós as suas jóias, Senhor! Era melhor que o Sr. estivesse dormindo; visto que ainda não cozinhou a bebedeira.

A. Patifão! ainda me trata de bêbado! Esperem! eu lhes respondo (*Levanta o travesseiro e puxando um punhal*): Ou vocês hão de entregar-me o que depusitei em suas mãos, ou hei-de vará-los com este punhal.

P. O Sr. cada minuto fica mais imprudente! Já lhe disse que (*recuando-se e aproximando-se de uma gaveta*) que não lhe posso devolver o que me entregou, sem que me pague o que me deve. (*Puxa a gaveta, tira um revólver e engatilha-o.*) E se se atrever a tentar ferir-me com esse punhal, lançá-lo-ei por terra com uma bala. E veja onde quer; escolha: no coração ou na cabeça?

O CRIADO (*entretanto, arma-se de um cabo que tira muito cheio de medo de uma vassoura que estava a um canto — à parte*) — Hei-de metter-lhe este cabo de vassoura pelos olhos, para dar-lhe vista; e fazê-lo passar pelos ouvidos, a fim de ouvir melhor! E se não bastar, metter-lhe-ei na boca a vassoura, para fazê-lo calar!

A. (*gritando*) — Assassino! ladrões! querem me matar! Querem me roubar! Aqui, soldados! oficiais! polícia! (*Fazendo milhares de movi-*

mentos, ora para um lado, ora para outro, querendo sair.)

- P. *(querendo tranquilizá-lo)* — Está doido, Senhor! . Que é isto? Acalme-se!... O Senhor está fora do seu juízo!
- SOLDADOS *(arrombando a porta, entrando e desembainhando as espadas)* — Presos! Estão presos, à ordem do Ilmo^o Sr. Chefe de Polícia!
- p. — Só este louco é que deve ir preso *(apontando para Alberto)*.
- A. — Não, camarada! Ele é que deve ir, porque queria matar-me com aquele revólver para roubar-me um brilhante!
- L. — E a mim quis me fazer de mulher!
- P. — *(para o criado)* — Cala-te! Não é preciso falares! *(Para os soldados)*: Este home, Senhores, está fora de sua razão. Ele, e só ele precisa correção!
- SOLDADOS — Não queremos saber disso! Os Senhores estão armados; ouvimos gritar pela polícia; temos de cumprir nosso dever. Estão portanto todos presos; e têm de acompanhar-nos à presença de nosso Chefe.
- ELES Não! não! Nós, não, camaradas!
- SOLDADOS — Lá se acomodarão! E se não querem por bem, irão à força. Escolham!
- ELES — *(muito aflitos)* — Que vergonha! Que opróbrio! Nós presos! Temos de ir à polícia acompanhados de soldados! Que dirá o Sr. Ernesto e a Senhora D. Eulália, quando souberem, camaradas *(puxando da algibeira dinheiro e querendo meter nas mãos dos soldados)*. Aqui tem dinheiro! Deixem-nos!
- SOLDADOS — É muito atrevimento! Pensam que somos miseráveis ganhadores? — que! . . . somos capazes de trair nossos deveres!? de manchar esta farda que nos foi dada por nosso Monarca?! Não; somos livres, Srs.! e não nos vendemos por dinheiro! Não deixaríamos de cumprir

nossa missão, por considerações ou amizades, quanto mais por prata ou ouro!

UM DELES — É uma infâmia! Companheiro, agarrem aqueles que eu seguro este! (*Lançam mãos cada soldado a cada indivíduo, trançam-lhe os braços, há puxões, socos, diligência para saírem, gritos, lamentos e até choros, mas afinal são arrastados pelos soldados e conduzidos à Polícia .*)

Desce o pano, terminando assim a comédia.

Esta comédia é apenas um borrão que deve passar pelas correções necessárias antes de ser impressa, tanto mais que foi escrita das 11 horas da noite de 30, às 3 quando muito da madrugada de 31.

Por José Joaquim de Campos Leão

Qorpo-Santo

Porto Alegre, janeiro 31 de 1866

NOTAS

1. Assim no texto
2. Forma popular de *abrenúncio*.
3. Gregório de Matos Guerra, o poeta baiano (1633-1696), faleceu no Recife, de morte natural. A intenção do texto é levar ao riso, ou à época em que foi redigida esta peça era corrente a versão aqui consignada?
4. Aldragante = tratante, vagabundo, segundo Luiz Carlos de Moraes, *Vocabulário Sul-Rio-Grandense*. Em Laudelino Freire, *Dic. da Língua Portuguesa*, consta: *aldragante*.
5. Assim no texto. A forma *paraguaio* ainda não se generalizara. Hoje, o periquito *psittacula passerina* é denominado *paraguai*. V. Laudelino Freire, *Dic. da Língua Portuguesa*.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)